

REVISTA COLAB AU.2



REVISTA COLAB AU
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
SEGUNDO SEMESTRE DE 2019 | ISSN 2674-8924
CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA



emau



EXPEDIENTE

A Revista COLAB.au é:

Carolina Guida Cardoso do Carmo
(Professora)

Thales Augusto Filipini Righi
(Coordenador)

Equipe EMAU 2019.2

Andreia Maria Regis de Melo Santos

Camila de Souza Lopes

Fernanda Farias Lima

Karina de Oliveira Leite

Linda Ines Patricia Brito Scabim

Maisa Machado Prado

Nicolle Cristine dos Santos

CORPO EDITORIAL

Thales Augusto Filipini Righi
Amanda Neves Pinto Ferreira Pellciari
Carolina Guida Cardoso do Carmo
Carolina Maria Bergamini de Lima
Mariana Garcia de Abreu Tenani

EQUIPE DE COLABORAÇÃO

Andreia Maria Regis de Melo Santos, Camila de Souza Lopes, Fernanda Farias Lima, Karina de Oliveira Leite, Linda Ines Patricia Brito Scabim, Maisa Machado Prado, Nicolle Cristine dos Santos

PROJETO GRÁFICO

Carolina Guida Cardoso do Carmo

Fale com a gente!



E-MAIL

anchietaemau@gmail.com



FACEBOOK

Arquitetura e Urbanismo Unianchieta



INSTAGRAM

@emauanchieta

EDITOR INSTITUCIONAL

CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA

Revista COLAB.AU | n.2
segundo semestre de 2019
ISSN 2674-8924

AUTORES E AUTORAS DESTA EDIÇÃO

Carolina Guida, Gabriela Antunes, Gabriela Bueno, Flavio Tâmega, Ingrid Dantas, Rafael Azevedo, Mariana Begiato, Pamela dos Santos, Gabriella Guarnieri, Lucas Oliveira, Richard de Melo da Silva, Lais de Godoy Cayres Lopes, Amanda Cristina Fernandes, Joaquim de Paiva Neto, Marli Lefort, Marcia Rodrigues, Priscila de Moraes, Thales A. Righi, Alexandra Feitosa Bebiano Montoni

INDEX





CAPA

CONTRASTES VISUAIS NA PAISAGEM.....PG.06

DISCENTE

COMPLEXO ANÍSIO SPINOLA TEIXEIRA.....PG.14

HOTEL (DES)CONSTRUA.....PG.20

PARQUE IRAÍ E MOBILIÁRIO BAMBUBI.....PG.26

REFLEXÃO

O PAPEL DA ARQUITETURA E URBANISMO NA CIDADE DO AMANHÃ.....PG.32

CIENTÍFICO

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS E APROPRIAÇÕES DE MULHERES.....PG.36

LEGISLAÇÃO E APLICAÇÃO:AS ZONAS ESPECIAIS DE INTERESSE SOCIAL.....PG.40

ROLOU

IV SEMANA DE ARQUITETURA E URBANISMO.....PG.44

O SEMESTRE DO EMAU.....PG.46



CONTRASTES
CONTRASTES
VISUAIS NA PAISAGEM
VISUAIS NA PAISAGEM

A percepção dos espaços de uma cidade é uma condição subjetiva à cada observador e seus meios de percorrer e se deslocar pelo território. Essas características da percepção individual podem ser representadas pela Teoria de Percepção Urbana do autor Gordon Cullen, onde o mesmo afirma que, a arte de tornar coerente e visualmente organizado todos os elementos que constituem o ambiente urbano, forma a paisagem urbana e que essa paisagem pode se transformar a partir do que o autor chama de Visão Serial.

O percurso de um extremo ao outro da planta a passo uniforme, revela uma sucessão de pontos de vista [...] A progressão uniforme do caminhante vai sendo pontuada por uma série de contrastes súbitos que tem grande impacto visual e dão vida ao percurso. (CULLEN, 1983, pg. 19)

A partir das conceituações do autor, apresentamos registros visuais dos discentes e docentes do curso de Arquitetura e Urbanismo, onde apresentamos paisagens que, a partir da utilização da moldura edificada (seja por uma janela, uma fresta, uma porta), se configuram como impactos visuais e que realçam a percepção do panorama visualizado e registrado pelo observador.

DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO

Os meios que se utilizam para delimitar um espaço ou um recinto são, muitas vezes, de uma fragilidade extrema. [...] Se torna possível obter a delimitação de um recinto utilizando apenas um arame e como esta adquire um certo encanto evocativo pelo fato de encerrar um determinado espaço ao mesmo tempo que deixa entrever o que está para além. (CULLEN, 1983, pg. 34)



Carolina Guida
Sintra, Portugal



Gabriela Antunes
Fortaleza de Valença do Minho, Portugal

EXPECTATIVA



Carolina Guida
Versalhes, França

“O além é desconhecido, infinito, misterioso, ou está envolto numa escuridão insondável. [...] Não podem deixar de despertar a curiosidade quanto ao cenário com que iremos nos deparar. (CULLEN, 1983, pg. 51)



Gabriela Bueno
Jundiaí





Carolina Guida
Dublin, Irlanda

Associado com o recinto e, com este, designando a ocupação, o ponto focal é o símbolo vertical da convergência. [...] O ponto focal define a situação, surge como uma confirmação: É este o local que procuravam.”(CULLEN, 1983, pg. 28)

PONTO FOCAL



Flavio Tâmega
UniAnchieta Campus Pedro C. Fornari, Jundiaí



Ingrid Dantas
Solar do Barão, Jundiaí

Relaciona-se com a nossa sensação de posição, ou seja, a maneira como reagimos perante a posição que ocupamos no meio ambiente. [...] Estou aqui dentro; estou por cima disto ou fora daquilo. (CULLEN, 1983, pg. 31)

COMPARTIMENTOS RECINTOS EXTERIORES

Gabriela Bueno
Fazenda Ermida, Jundiaí



Carolina Guida
Cordilheira dos Andes, Chile

CAPA



REFERÊNCIA
CULLEN, G. Paisagem urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Rafael Azevedo
Barcelona, Espanha





COMPLEXO ANÍSIO SPINOLA TEIXEIRA

PROPOSTA DE PROJETO
POR MARIANA BEGIATO, PAMELA
DOS SANTOS, GABRIELLA
GUARNIERI E LUCAS OLIVEIRA





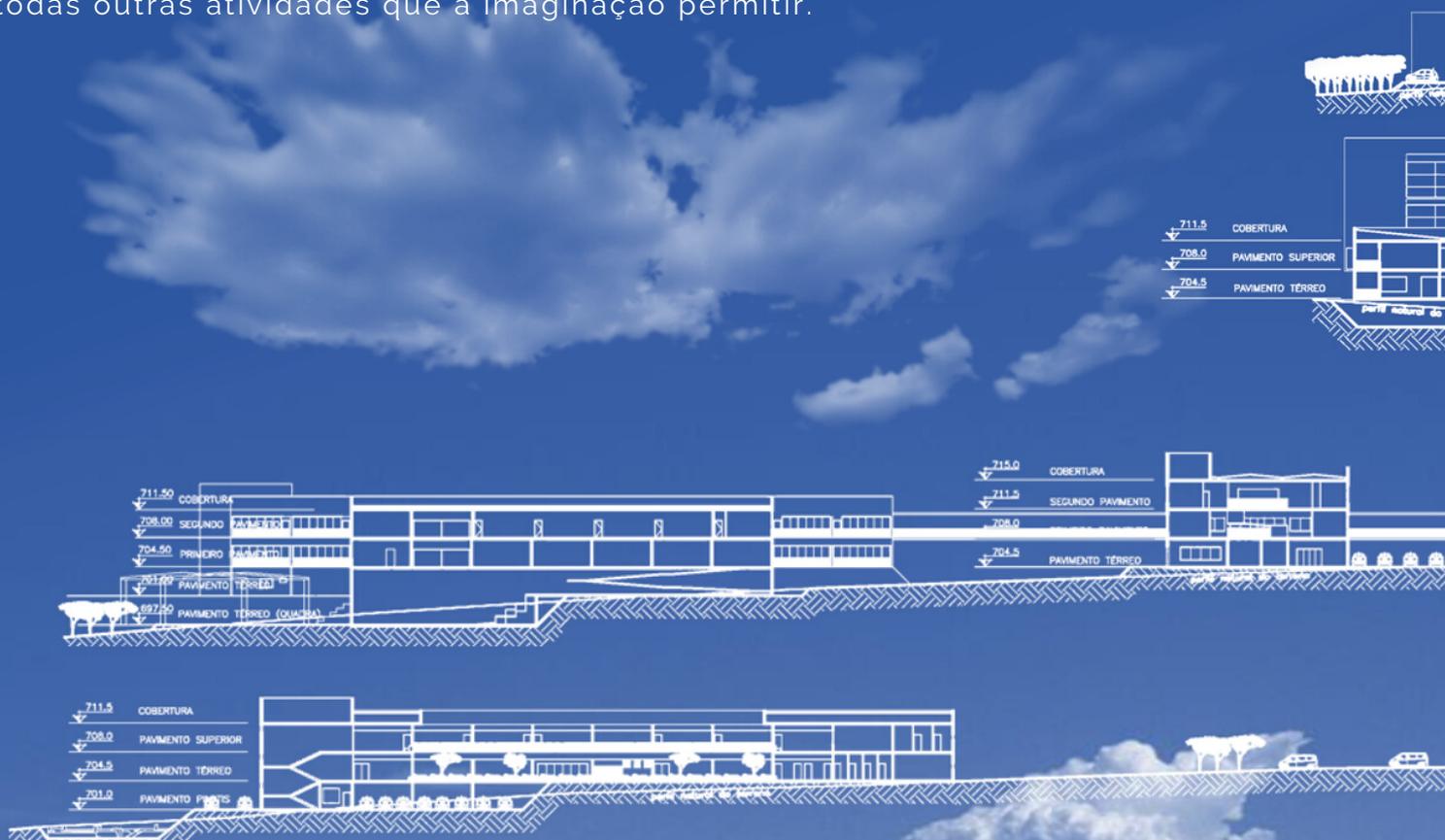
Para o complexo, o conceito passou a ser pensado com o intuito de criar edifícios e entre-espços que se conectem com o seu entorno e com a população, além de desenvolver espaços de convívio que auxiliem na conexão das pessoas fortalecendo a comunidade e as relações pessoais que são de grande importância para a vida urbana. Conceito este que deu origem ao nome: Anísio Spínola Teixeira foi um educador baiano que criou na década de 1950 um conceito pedagógico de escolas-parque, acreditava que as escolas deveriam ser um espaço completo de formação e um ponto de convívio da comunidade, e que portanto deveriam oferecer atividades além do ensino das matérias curriculares em um ambiente nspirador e de liberdade.



Para permitir a permeabilidade do projeto adotamos a utilização de passarelas suspensas para a conexão dos edifícios e a elevação por pilotis de alguns elementos, mantendo o terreno livre e possibilitando a criação de mais espaços de convívio para a população e para que não precisássemos criar barreiras físicas para controle de entrada e saída dos alunos do ensino médio, fazendo com que o complexo não se fechasse, mas se conectasse com a população.

Durante o levantamento urbano, principalmente na pesquisa feita com a população viu-se que a maior carência do local é referente à lazer e cultura, destacando-se os pedidos por áreas esportivas, culturais, de lazer e contato com a natureza, além do fato da maior parcela da população se tratar de jovens e crianças. Com isso todo o grupo optou por priorizar o Edifício Cultural e os entre-espços, limitando os espaços escolares dentro do espaço construído, mantendo a segurança dos alunos e o conforto e liberdade da população.

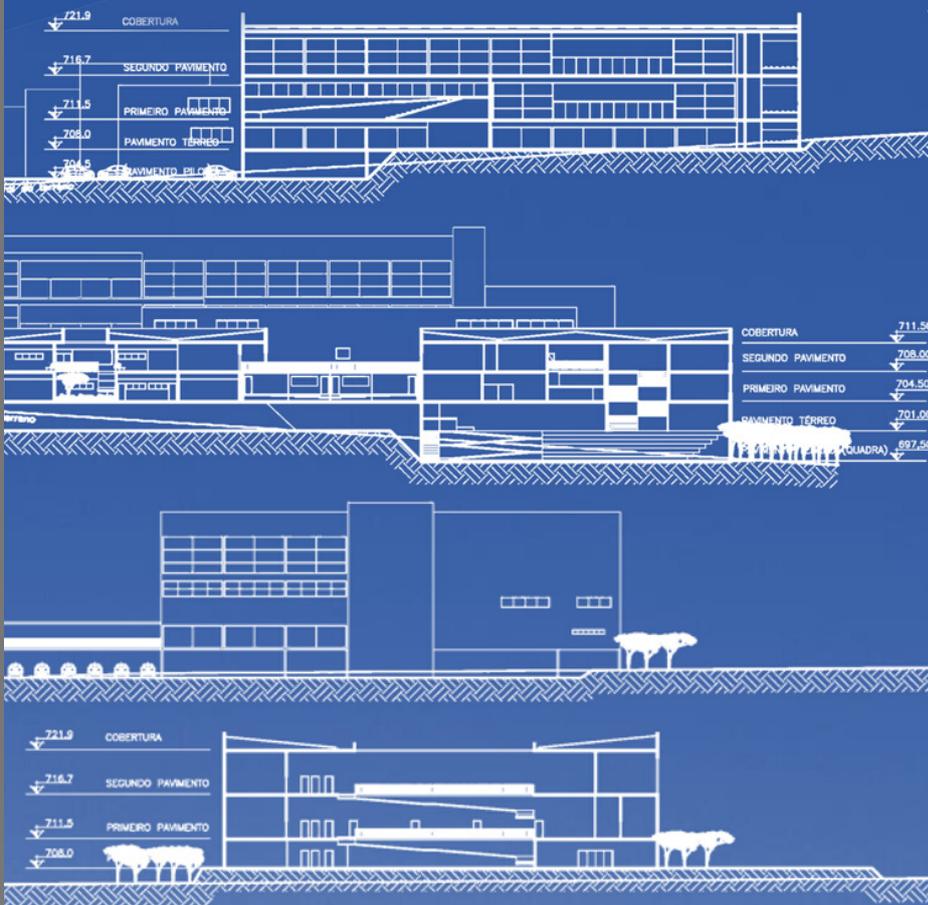
Os entre-espços criados foram: A PRAÇA CULTURAL, localizada em frente ao edifício cultural e próxima do bairro Almerinda Chaves e da Escola Estadual já existente, o bolsão de estacionamento do Edifício Cultural, o ESPAÇO PARA INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS localizada sob o Edifício Cultural junto dos pilotis, permitindo exposições temporárias, apresentações em geral, cinema ao ar livre e todas outras atividades que a imaginação permitir.



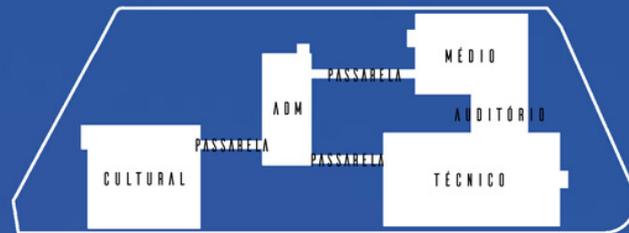
A PRAÇA DOS FOODTRUCKS, próxima dos Edifícios Administrativo e Cultural, o CAMINHO DO PARQUE, composto pela via particular que corta o terreno ao meio e conduz até ao Parque Ecológico Paulo Freire. Também ao entre-espço CONCHA ACÚSTICA, junto com um gramado frontal livre - mais um elemento no projeto para suprir a carência de cultura e incentivar a arte, o CAMINHO NOVO HORIZONTE, área em que o pedestre consegue cortar caminho pelo meio do terreno desde o Jardim Novo Horizonte até a entrada do Edifício Administrativo e, por fim, o platô criado mais próximo da ocupação irregular Jardim Novo Horizonte, que abriga a PRAÇA INFANTIL, com parquinho, a PRAÇA ESPORTIVA, com uma quadra poliesportiva com arquibancada e a PRAÇA DO SKATE..

EDIFÍCIOS DO COMPLEXO

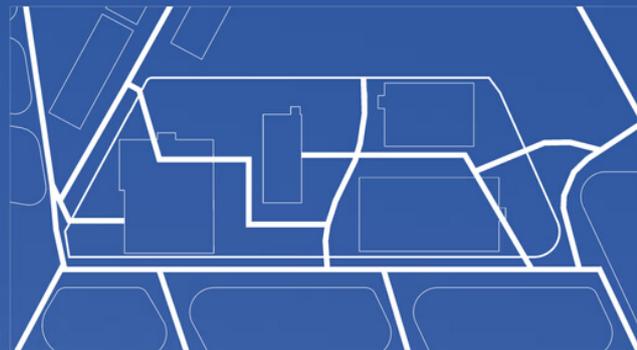
- Edifício do Ensino Médio
- Edifício de Ensino Técnico
- Edifício Cultural e Edifício Administrativo



MASSAS



CONEXÕES



ENTRE-ESPAÇOS





Os materiais utilizados são materiais simples – concreto e vidro – em sua maioria sem acabamento adicional, recebendo tintura apenas nas caixas de escada e o grafitti Na fachada do Edifício Cultural, afim de não destoar do entorno e não intimidar a população, convidando-as a entrar.





Para garantir que todos os edifícios do complexo tivessem a mesma linguagem, alguns elementos foram repetidos: os materiais, o vazio central que garante iluminação e ventilação lateral, a rampa de acesso ao redor desses vazios e os jardins no pavimento térreo sob o vazio.



Mariana Begiato, Pamela Iza dos Santos, Gabriella Guarnieri e Lucas Oliveira são estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O projeto foi desenvolvido na disciplina de Projeto Institucional ministrada pela docente Carolina Maria Bergamini de Lima.

HOTEL (DES)CONSTRUA

PROPOSTA DE PROJETO
POR RICHARD DE MELO DA SILVA,
LAIS DE GODOY CAYRES LOPES E
AMANDA CRISTINA FERNANDES



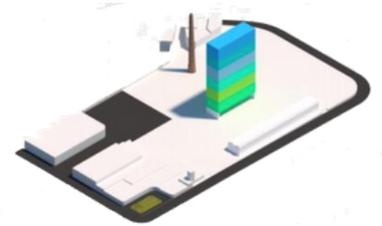


SITUA

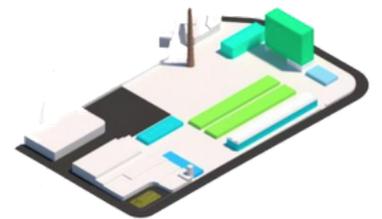
As palavras que usamos para embasar nosso conceito foram: **Permeabilidade e fruição urbana**, através de diversas análises de nosso terreno, descobrimos que há algumas décadas atrás, lá foi uma fábrica de tecelagem, a partir disso utilizamos em nosso projeto materiais que remetam Jundiaí industrial e também incorporamos no hotel as estruturas remanescentes dessa época, como sua chaminé e parte de sua fachada, ambas tombadas como patrimônio histórico de Jundiaí.

A permeabilidade foi desenvolvida pela disposição dos blocos no terreno, assim criará fruição urbana e pequenas praças pelo espaço, estimulando o convívio entre os hóspedes e visitantes, essa diagramação de blocos de nossa implantação fez com que utilizemos todo o potencial construtivo do terreno.

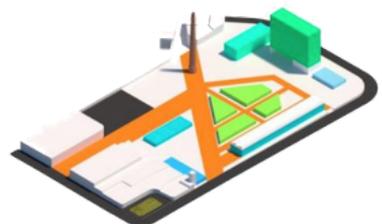
terreno subutilizado



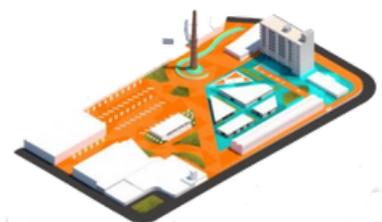
distribuição



eixos visuais



final





Em nosso projeto quisemos ir além de projetar somente um Hotel, focamos principalmente em como ele iria se relacionar com o seu entorno, por isso temos muitas áreas públicas que beneficiam não só os hóspedes mas como todos os residentes da cidade, nossa ideia principal foi de expansão, em uma escala que atinja toda a população, um exemplo disso é o centro cultural, que será localizado no subsolo, em uma área já existente que possui salas, e uma grande espaço livre, lá foi proposto espaços para exposição, intervenções artísticas e aulas de teatro, música, sem custos, o acesso deve ser facilitado e ampliado para todo os bairros próximos, a cultura concretiza o direito de ser quem somos, diante disso elaboramos um

corredor cultural, ligando os principais focos de arte do entorno do hotel.

Áreas arborizadas, com sinalização, maioria das edificações com somente um pé direito, caminhos, galerias de arte, praças, tudo isso foi pensado para manter o campo de visão horizontal, confortável, trabalhamos com a escala humana, nosso conceito de permeabilidade permite a fruição.

A chaminé é a nossa protagonista, por isso a diagramação da implantação faz com que nenhuma edificação oculte sua visão, todos os caminhos finalizam nela, em sua volta temos uma grande arquibancada, disponibilizando um lugar para performances artísticas, envolvendo cultura e patrimônio.



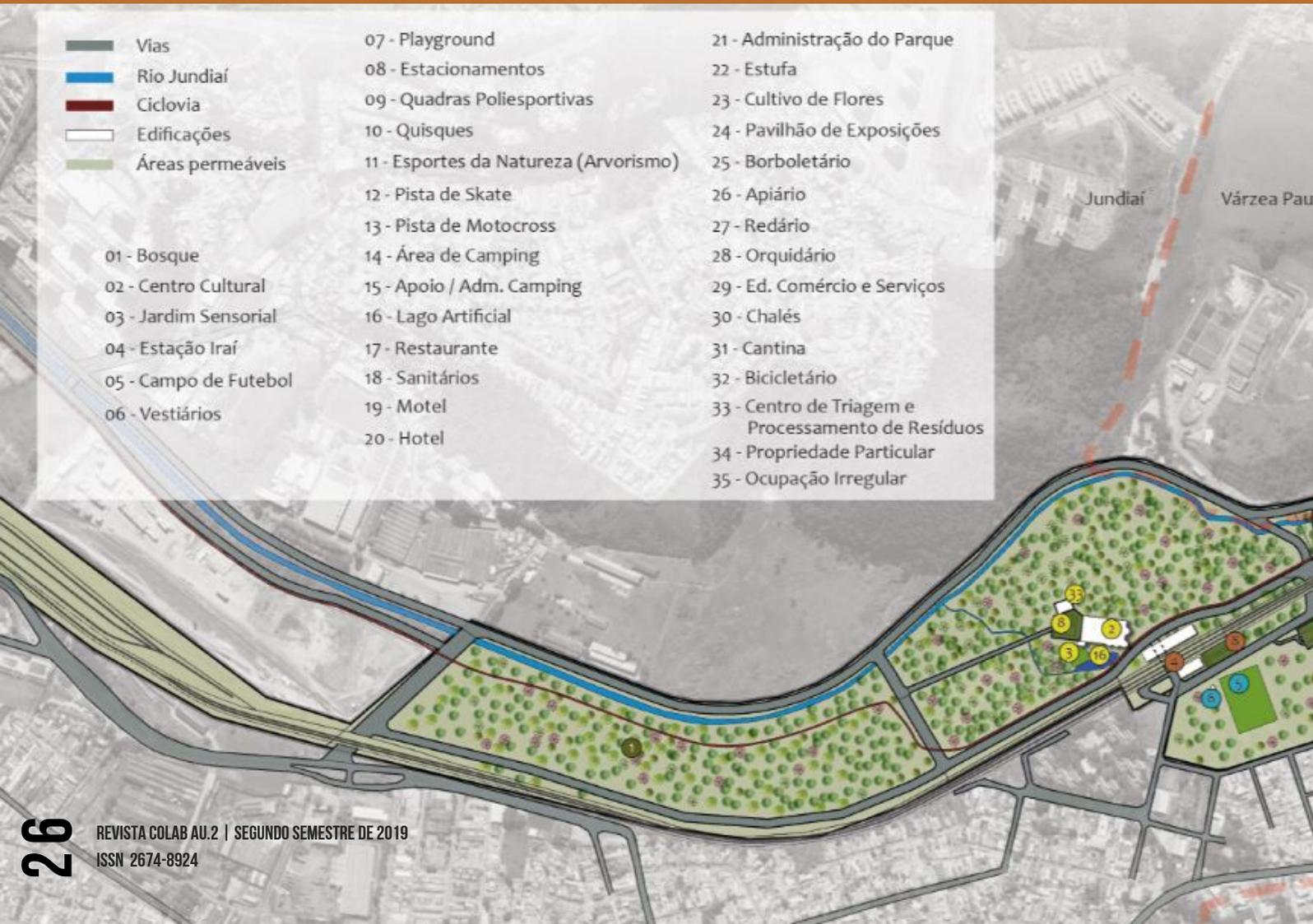




Richard de Melo da Silva, Lais de Godoy Cayres Lopes e Amanda Cristina Fernandes são estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O projeto foi desenvolvido na disciplina de Projeto Multifuncional, ministrada pelo docente Pedro Debiazi.

PARQUE IRAÍ E MOBILIÁRIO BAMBUBI

PROPOSTA DE PROJETO
POR FLAVIO TÂMÉGA,
JOAQUIM DE PAIVA NETO,
MARLI LEFORT, MARCIA
RODRIGUES E PRISCILA DE
MORAES



PRODUÇÃO DISCENTE



ESTAÇÃO
91.702 m²

Localização das duas estações ferroviárias e a nova estação projetada.



RESERVA
227.312 m²

Criação de um bosque denso, para resgate de fauna e flora.



CULTURAL
220.628 m²

Centro Cultural e jardim Densorial, completando a integração entre homem e natureza..



MOVIMENTO
317.714 m²

Setor esportivo - potencializar atividades já existentes no local.



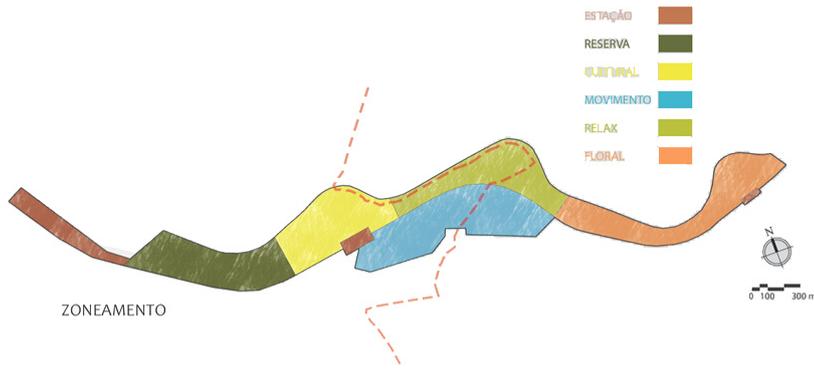
RELAX
212.050 m²

Setor para hospedagem e Camping, com lago artificial.

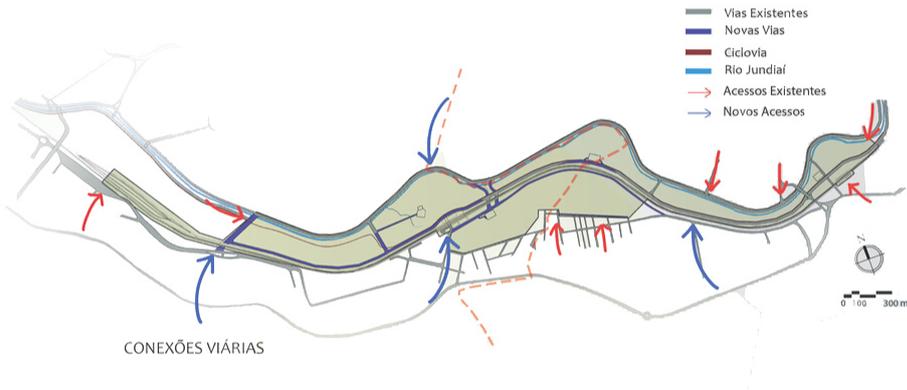


FLORAL
252.803 m²

Setor de exposição e promoção de cultivo de flores, onde estão também o borboletário e apiário.



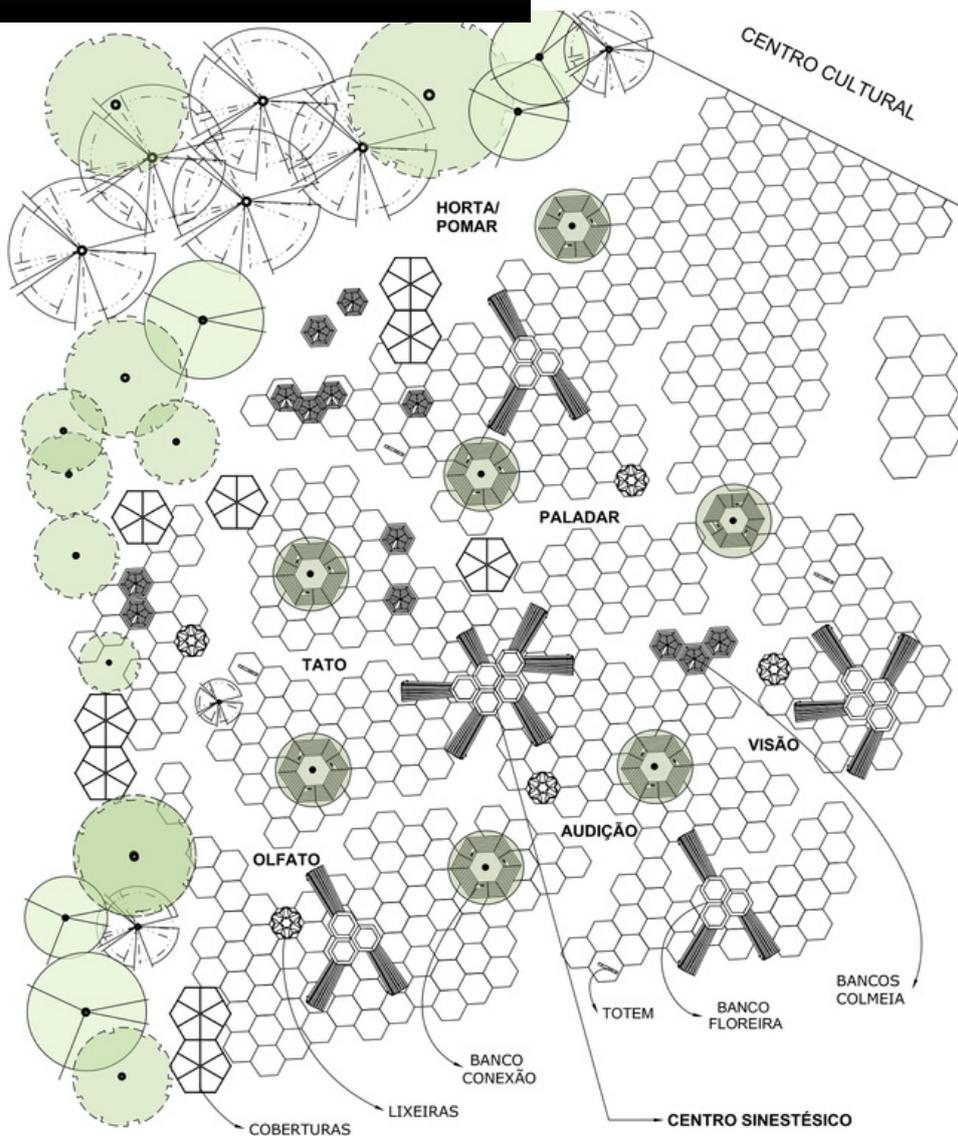
ZONEAMENTO



CONEXÕES VIÁRIAS



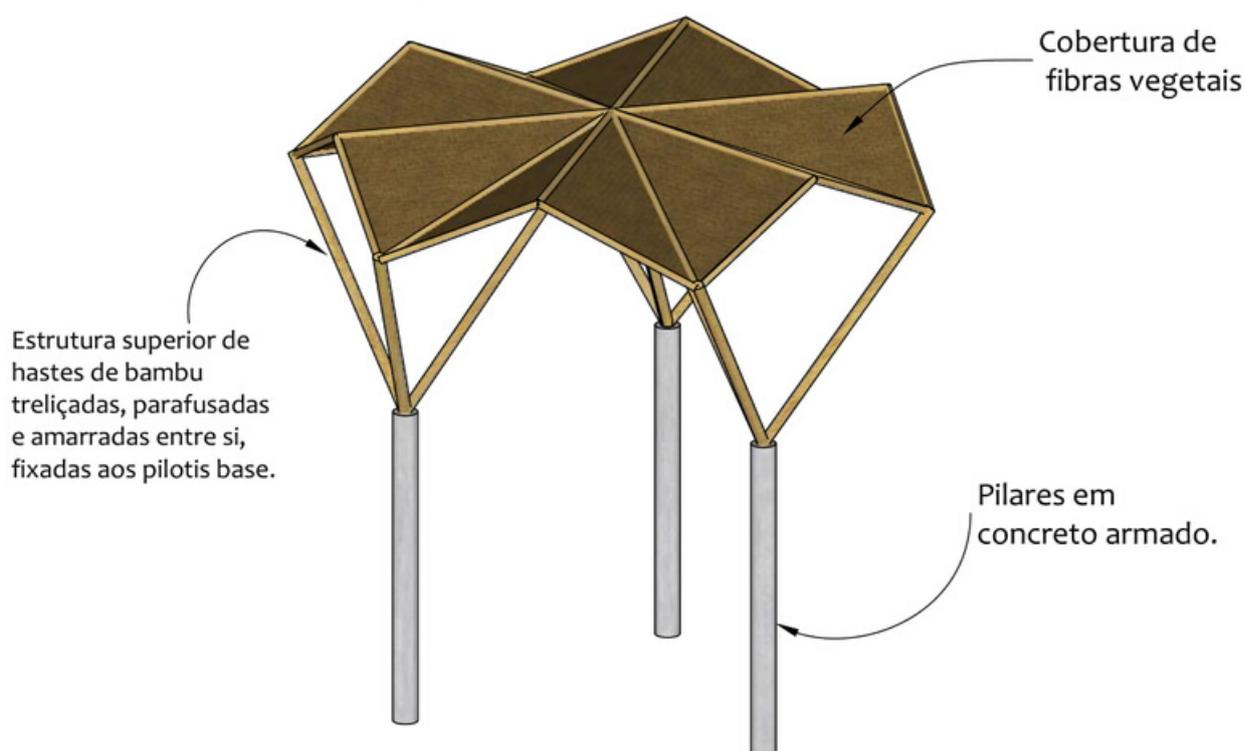
PRODUÇÃO DISCENTE



Considerando o contexto histórico do local, as características ambientais, os usos atuais do local e o perfil das duas cidades envolvidas (Jundiaí e Várzea Paulista), foi feita a proposta de um parque linear, enaltecendo a natureza local e buscando o resgate da fauna e flora. O logotipo foi pensado para trazer o elemento do hexágono e que foi utilizado em pontos estratégicos do projeto, como no Centro Cultural projetado, mas também no Jardim Sensorial, onde daremos ênfase nos mobiliários projetados.



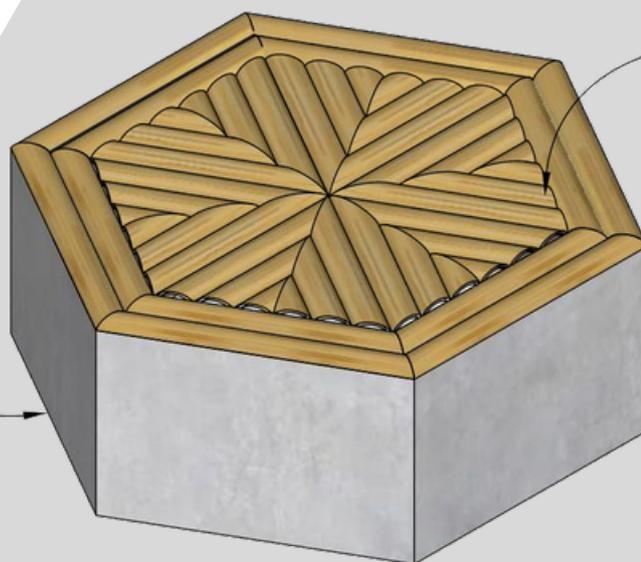
Atualmente é essencial que se pense no mobiliário urbano como um meio de requalificar espacialmente uma cidade e viabilizar melhor qualidade de vida, encontrando harmonia. Além de complementar a paisagem urbana e contribuir para a identidade do local, o mobiliário urbano precisa ser compreendido e utilizado. Com relação às funções estéticas e funcionais, estas devem ser percebidas e entendidas. A forma e a função do objeto devem ser pensadas para que de alguma maneira haja uma integração no contexto urbano em que será inserido, propiciando interações sociais e com o meio. Inspirada na vida, na flora, na fauna, nas diversas formas existentes de polinização, na interação inseto - sementes e todo o seu processo de transformações chegou-se a colméia, com sua forma hexagonal regular.



PRODUÇÃO DISCENTE

O batismo da linha de mobiliário não poderia diferir dos elementos conceituais base de todo projeto: NATUREZA – COLMEIA – BAMBU. Para a nomenclatura do mobiliário, juntou-se termos presentes no conceito, o bambu, como principal material, deveria estar presente e uniu-se com a palavra “bee” – abelha em inglês- causando uma sonoridade interessante ao nome: “Bambubee”. Através de licença poética, abrigou-se a grafia da palavra bee de acordo com a fonética local, transformando-a em bí, que possibilitou atribuir ao logo do mobiliário a mesma terminação de acento agudo em formato de folha, conversando com o logotipo do parque, juntando com outros ícones que representam o bambu e a colmeia

Base de concreto moldado em formato hexagonal



Topo: assentos com entrelaçamento de bambus.





Os equipamentos foram concebidos para compor os espaços do Parque Linear (projetado para a disciplina de Urbanismo V) de forma interativa, padronizada e identificável, possibilitando estabelecer uma relação harmoniosa entre o usuário e o parque a sua volta. No decorrer do desenvolvimento do projeto de mobiliário, foi possível perceber a importância que o mesmo tem no espaço público. Ao projetar uma linha de mobiliário urbano é preciso considerar aspectos importantes que qualificam o espaço onde ele será inserido, além de aspectos culturais e históricos da cidade, buscando integrar os hábitos da população ao espaço urbano, a fim de criar uma imagem pública desse espaço.

Flavio Tâmega, Joaquim de Paiva Neto, Marli Lefort, Marcia Rodrigues e Priscila de Moraes são estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O projeto foi desenvolvido nas disciplinas de Projeto de Complexidade, Urbanismo V, Projeto de Paisagismo e Desenho do Objeto II, ministradas respectivamente pelos docentes Gabriel Ramos, Pedro Debiazi, Carolina Guida Cardoso do Carmo e Carolina Maria Bergamini de Lima.

O PAPEL DA ARQUITETURA E URBANISMO NA CIDADE DO AMANHÃ

THALES A. FILIPINI RIGHI

Vivemos em uma sociedade que anseia por expansão, culturalmente somos influenciados a buscar constantemente melhores condições econômicas, sociais e culturais, pode-se considerar que estamos incorporados em uma máxima de uma sociedade capitalista. Tal cenário de buscar sempre algo a mais, reflete drasticamente na forma como moramos e como vivemos em nossas cidades.

Cada vez mais buscamos mais comodidade de locomoção, assim compramos mais carros, queremos morar em locais mais privativos e com a sensação de segurança, procuramos os condomínios, ao mesmo tempo, queremos ter as facilidades de comércio e de serviços próximos ao espaço que utilizamos, gerando a criação de shoppings, centros comerciais e de negócios.

As cidades sentem tais anseios e é transformada diariamente, o querer desenfreado, as mudanças organizacionais e estruturais em nosso organismo urbano resultam constantemente em inúmeros problemas, a começar pelas nossas metrópoles que têm um trânsito incontrolável e os sistemas de transporte, educação, saúde e segurança que não comportam as necessidades dos seus habitantes.

Parte da sociedade que habita a metrópole na tentativa de fugir desses percalços, migra para o interior em cidades que crescem e "incham" sem planejamento ou condições básicas de infraestrutura para receber a demanda.

A arquitetura consciente, representada pelo urbanismo tenta identificar tais problemas visando mapear o organismo vivo que habitamos, diagnosticando problemas e agindo de forma preventiva, estimando o crescimento da cidade para os anos seguintes, o urbanismo estabelece uma relação do ser humano e do espaço que ele vive, não somente em termos de praças, parques e novas vias, mas ditando regras de expansão e crescimento para que essa cidade não cresça de forma desordenada e "adoeça".



Congestionamento. <https://entretenimento.band.uol.com.br/oaprendiz/noticias/10000580719/sp-tem-260-km-de-lentidao-pior-marca-do-ano.html>



25 de março em São Paulo. <https://spcity.com.br/os-8-produtos-procurados-5-maiores-motivos-ir-rua-25-marco/>



O contraste entre a Roçinha e o abastado bairro do Leblon. - <https://www.momondo.pt/explorador/artigo/favela-visita-rio>



Vista aérea de São Paulo. <https://followthecolours.com.br/cooltura/exposicao-imersiva-farol-santander/>

A sociedade está inserida em um cenário que se transforma política e economicamente, parar a expansão da cidade, de novos empreendimentos e centros comerciais é também parar a expansão de uma sociedade e nem sempre é a forma mais adequada de controlar a situação.

Cabe aos arquitetos e urbanistas, juntamente com a população, poder público e com as organizações privadas, estabelecer formas eficientes de crescimento para a cidade, direcionando para regiões que comportem a expansão urbana, proporcionando que nesses locais se tenha transporte público de qualidade, segurança, educação e saúde, de forma que o indivíduo viva com qualidade de vida, participando, se apropriando e vivenciando o espaço público.

O arquiteto consciente propõe desde a concepção de novos projetos como loteamentos, condomínios, edifícios, residências, formas de morar e principalmente de vivenciar a cidade com qualidade. Um bom planejamento hoje, mapeia e propõe ações para os próximos 10 anos e é revisto sempre de forma a adequar a cidade para a população que a habita.

Quando nos perguntamos qual é a cidade do amanhã, o que queremos ou imaginamos?

Não deveríamos pensar em veículos que poderão voar, sistemas totalmente automatizados e impessoais, com a agilidade para nos atender no tempo que passa cada vez mais rápido, mas sim, espaços formado por locais que as pessoas possam percorrer com qualidade, caminhar, passear, morar, enfim, uma cidade que possa ser vivenciada de forma durável e sustentável que forneça aos moradores o prazer de habitá-la.

Thales A. Filipini Righi, Arquiteto e Urbanista pela UNICAMP, Mestre em Engenharia Civil com Ênfase em Metodologia de Projetos de Arquitetura também pela UNICAMP, Licenciado em Artes Visuais pelo Unicentro Belas Artes e licenciado em Construção Civil pelo Centro Paula Souza. Atualmente é sócio diretor da T2R Arquitetura + Construção, professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta – UniAnchieta e coordenador do Curso Técnico de Design de Interiores da ETEC Vasco Antonio Venchiarutti em Jundiaí.

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS E APROPRIAÇÕES DE MULHERES NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

LAÍS DE GODOY CAYRES LOPES

Quando os estudos dizem respeito à cidade e todas suas complexidades e desigualdades, Lefebvre (2001) reforça que o objeto de estudo não está explícito e/ou determinado, já que as problemáticas e contextualizações não podem ser limitadas à lógica projetual e da realidade de um único extrato social – essas mesmas contextualizações são o que fazem o direito à cidade se confundir diretamente com o direito à vida.

De acordo com Pallamin (2000), a reflexão sobre o domínio do espaço, segundo Lefebvre, é dada a partir dos lugares de resistência aos poderes hegemônicos, sendo que o mesmo elabora três dimensões práticas em relação à essa sociabilidade: a dimensão das "práticas espaciais", que englobam as práticas de produção e reprodução social; as "representações do espaço", as quais referem-se às significações, códigos, saberes que permitem tratar as práticas espaciais e compreendê-las e os "espaços de representação", que estão ligados ao lado marginalizado da vida social, sendo esses, também, criações de possibilidades para as práticas sociais e culturais. Portanto, em um modelo lefebvriano, a significação do urbano não está vinculada às estruturas econômicas tracionais, mas sim o uso cotidiano da cidade e suas várias perspectivas. A partir dessa perspectiva abordada, a arte urbana se coloca como potencial estruturador de uma ressignificação urbana, não se limitando às práticas tradicionais de pensar e estruturar a cidade, mas sim, como forma de transformar as vivências urbanas.

Localizada na intersecção entre arte, como conhecida enquanto forma clássica e tradicional de produção e política, a arte urbana pode ser vista como uma forma de linguagem abrangente e diversificada, que se manifesta a partir da existência dos espaços públicos, "tendo como principal característica a utilização da própria cidade, e de seus elementos pré-existentes, como plataforma para a realização dessas intervenções." (LIMA, 2013). Segundo Gonçalves e Silva (2003; 2006), toda essa perspectiva de resistência urbana a partir das diversas manifestações possíveis, surge paralelamente à necessidade de enfrentar as muitas desigualdades oriundas do tradicionalismo imposto socialmente, resultando nos movimentos sociais, de acordo com seus múltiplos contextos sociais.

Ainda na discussão das pautas sobre os movimentos sociais e, conseqüentemente, em levantes oriundos dos mesmos, com diferentes objetivos, não podemos esquecer que os mesmos refletem não só disputas sociais, políticas e étnicas, mas também encontramos movimentos pautados pelas diferenças de gênero. As mulheres sempre participaram dos sistemas sociais de forma geral, entretanto, foram de várias formas anuladas e inferiorizadas pelos homens, tanto social como politicamente.

Assim, entendemos que as determinações dos trabalhos designados para cada sexo há tempos estão inseridas no funcionamento das sociedades, principalmente as classistas, "tendo em vista que o modo de produção capitalista não criou a desigualdade entre os sexos, mas a aprofundou de forma considerável." Tavares (2017) coloca, assim, que a mulher observa brechas na cidade para existir, para trabalhar, para ser dona de uma lógica sobre seu corpo e seus direitos, assim como se expor, fisicamente, politicamente e artisticamente em sociedade.

O feminino, através da arte, é uma ruptura do silenciamento, um meio de reivindicar a ocupação nos espaços urbanos e ressignificar sua existência, o muro se transforma, de até então, um limitador de territórios, para suporte representação da fala e da resistência das mulheres. (SILVA, 2017).

Partindo das explicações estabelecidas até aqui, formulamos problemáticas possíveis de serem aprofundadas a partir desse projeto, situacionalizando a realidade ao município de Jundiaí, sendo elas: quem são e onde estão localizadas essas mulheres atuantes na apropriação urbana em Jundiaí, a partir das perspectivas artísticas? Quais são os desafios, em diferentes esferas, que esses grupos enfrentam?

Esse campo temático já vem sendo explorado cientificamente, a partir da elaboração de pesquisas que discutem a apropriação artística, sob diversas linguagens e ferramentais, de coletivos de mulheres em distintos recortes territoriais brasileiros (MORENA, 2009; COSTA; PEDROSA, 2012; SANTOS, 2012; HAMMAN et al, 2013), entretanto, entendemos que trazer tais debates para as especificidades do município de Jundiaí, dentro de seu contexto político, econômico e social, é extremamente relevante para construir um conhecimento científico situacionalizado e iniciar uma discussão pautada no contexto local.

OBJETIVO

O objetivo desse trabalho, portanto, é apresentar, de maneira crítica e analítica, as possibilidades de intervenções urbanas de grupos artísticos de mulheres no/do município de Jundiaí.

Como possíveis objetivos específicos, que visam construir os passos necessários para alcançarmos o propósito da pesquisa, elencamos os seguintes:

- i) Relatar os processos históricos e de estruturação política e cultural dos coletivos abordados;
- ii) Compreender os embates, nas esferas sociais, políticas e legais, desses grupos para efetivação de suas atividades;
- iii) Compreender seu posicionamento no território do município, seja nas atividades internas aos grupos, seja em suas atuações urbanas, de forma a relacionar suas experiências com as localizações vivenciadas;
- iv) Refletir sobre os possíveis impactos urbanos gerados pelas atividades desses coletivos, a partir de suas vivências e perspectivas.

METODOLOGIA

Os principais métodos específicos de investigação para coleta de dados e desenvolvimento da pesquisa são 1) pesquisa bibliográfica - forma de compreender o estado da arte de determinada temática científica, baseada em pesquisas em materiais já elaborados e organizados oficialmente, como livros e artigos científicos e 2) estudo de caso.

O estudo de caso é caracterizado como um estudo profundo de uma ou algumas unidades-caso, aqui declaradas como os possíveis coletivos artísticos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. A estruturação das etapas do estudo de caso para serem trabalhados, assim como outras metodologias, deve ser pensada através de diversas etapas que são essenciais para uma fidelidade científica do método, que envolve escolhas de estratégias como observação de campo, entrevistas e/ou questionários, entre outros. Aqui, ressaltaremos a principal delas, a entrevista focalizada, que acontecerá em momento posterior a uma exploração preliminar de campo.

A exploração preliminar será o momento para levantarmos possíveis campos de pesquisa (assim como a quantidade existente no município e, portanto, possíveis de serem estudadas) e similaridades iniciais entre essas possibilidades, assim como definir, com maior precisão, quais serão os parâmetros e critérios para observação de campo e a quantidade de pessoas que serão entrevistadas. Após a exploração de campo preliminar, utilizaremos da entrevista focalizada como ferramental para obtermos possíveis dados que possam responder as problemáticas aqui apontadas.

A entrevista é uma estratégia de investigação onde o pesquisador formula perguntas ao entrevistado, com o objetivo de obter dados direcionamento relacionados à pesquisa. É, portanto, uma forma de diálogo, muitas vezes assimétrico, em que um dos participantes é responsável por coletar dados, sendo que o outro é a fonte direta das informações.

A entrevista que será aplicada junto aos coletivos passou por análise no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da instituição e foi aprovado sob o número CAAE: 12922619.4.0000.5386.

Também é importante ressaltar que, uma vez que a pesquisa se propõe a trabalhar diretamente com pessoas e as relações e impressões humanas são exclusivas e individualizadas, aliar-se às pessoas que tenham interesses na pesquisa e sempre fornecer os resultados (iniciais e finais) da pesquisa à comunidade, mantendo um diálogo e um trabalho coletivo de transparência e confiança com as pessoas, pode garantir um trabalho científico coerente e de maior disseminação e utilidade para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- COSTA, M. R.; Pedrosa, Tábata de L. . JOVENS MULHERES COMO PRODUTORAS CULTURAIS: ENTRE MUROS E TINTAS. In: V Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira. Territórios Interculturais de Juventude. Anais... Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HAMANN, C et al. ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: DISCURSO DE MULHERES EM MOVIMENTO DE GRAFITE. *ex æquo*, n.º 28, 2013, pp. 45-58
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMA, MATEUS VIEIRA VILLELA DE. INTERVENÇÃO URBANA: ARTE E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO PÚBLICO. MONOGRAFIA (ESPECIALIZAÇÃO) – Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, CELACC/ECA-USP, 2013
- MORENA, Margarida. MIRADAS FEMININAS –MULHERES NO MURO: TRAÇOS FEMININOS NOS GRAFITES DE SALVADOR. In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Anais... 27 a 29 de maio de 2009
- PALLAMIN, V. M.. Arte Urbana - São Paulo: região central (1945-1998). 1. ed. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2000. v. 1000. 82p .
- SILVA, Elisa Simone. MULHERES NEGRAS E A ARTE URBANA: UM DIÁLOGO SOBRE CORES E REPRESENTATIVIDADE A PARTIR DO GRAFITE. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Anais...Florianópolis ,2017.
- TAVARES, Rossana Brandão. Práticas sociais de resistência na perspectiva de gênero contra indiferença à diferença: por um planejamento de possibilidades. In. XVII ENANPUR. Anais...São Paulo, 2017.

Lais de Godoy Cayres Lopes é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O resumo apresentado faz parte da Iniciação Científica da estudante, sob orientação da professora Carolina Guida Cardoso do Carmo e foi apresentado originalmente na XI Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade, em outubro de 2019.

LEGISLAÇÃO E APLICAÇÃO: AS ZONAS ESPECIAIS DE INTERESSE SOCIAL NO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ

ALEXANDRA FEITOSA BEBIANO MONTONI

A urbanização brasileira sofreu, ao longo do último século, uma alteração expressiva em relação ao modo e localização das moradias. As mudanças significativas em sua localização ocorreram substancialmente no século passado entre a década de 1940, quando a taxa de urbanização brasileira alcançava pouco mais que 25% e década de 1980, quando esse índice se aproximou dos 70% (SANTOS, 1996, P. 29) em face de uma nova era industrial nas regiões urbanizadas do Brasil.

Neste processo de urbanização em que um conjunto extenso de tipologias de cidades surgia de forma mais contundente, estava ocorrendo o que muitos autores chamariam de "metropolização", relacionada com a formação de redes urbanas complexas (CORREA, 2014). Os reflexos sociais desta complexa teia urbana estruturada em torno de um conjunto extenso de cidades e núcleos urbanos seriam fatais para o seu pleno desenvolvimento. As opções da classe trabalhadora para acessar a sua moradia ficaram comprometidas em decorrência da disparidade entre capacidade de renda e preço da terra. As chamadas invasões e ocupações em áreas públicas e privadas sem qualquer organização física e sem infraestrutura por grupos populacionais que não tinham onde morar, cresceram abruptamente a partir da década de 1950, em cidades como São Paulo e a partir da década de 1970 em cidades que seguiram o seu ritmo de urbanização, como consequência deste disparate.

Partindo dessas análises, entendemos que as periferias das grandes cidades passaram a ser a materialização da exclusão, por conta da precariedade habitacional e, por conta dos baixos investimentos, também de infraestrutura (PAVIANI, 2006). Como essa construção da cidade informal se deu ao longo de décadas, também foi-se alimentando uma insatisfação populacional referente à essas formas de produzir cidade por parte de um poder privado interessado nos lucros obtidos por essa dinâmica, gerando um constante movimento popular em busca de melhora na infraestrutura e nas políticas referente ao acesso à moradia.

Como resultado dessas lutas, uma das ferramentas consagradas e possíveis para suprir essa necessidade de compreender, regularizar e incluir a cidade informal à cidade formal, a Constituição Federal de 1988 dedicou um capítulo para a Política Urbana (BRASIL, 1988) e teve sua regulamentação a partir da lei 10.257/2011 . (Estatuto da Cidade), trazendo consigo, novos instrumentos para a regularização fundiária, tentando efetivar a função social da propriedade (BRASIL, 2001) e buscando garantir, portanto, uma melhoria nas condições de vida no meio urbano. (LAUERMANN; WINKE, 2008). Um dos instrumentos que acabou se transformando em uma das principais ferramentas de política fundiária para implantação de programas habitacionais foi a Zona Especial de Interesse Social (ZEIS).

Segundo Braga (2016), a ZEIS tem finalidade direta com os processos de regularização fundiária de assentamentos precários, possibilitando a adoção de padrões urbanísticos diferenciados, de modo a viabilizar tal regularização, sem necessariamente interferir no restante da cidade. A ZEIS, a partir de diversos estudos das experiências das cidades que a implementaram (ou já havia políticas similares anteriormente à existência do Estatuto da Cidade), passou a ser considerada um dos principais instrumentos de política habitacional para inserção desses territórios irregulares dentro da “legalidade” e dinâmica da cidade. Braga (2016) coloca que, além de ser um instrumento muito vinculado à política habitacional e, portanto, busca atender essa deficiência urbana, a localização e inserção das ZEIS devem estar diretamente atreladas a existência de infraestrutura e equipamentos comunitários básicos, assim como proporcionar à população que desfrutará desse instrumento, facilidades e melhores acessos aos demais serviços existentes na cidade.

Partindo das explanações estabelecidas até aqui, formulamos problemáticas possíveis de serem aprofundadas a partir desse projeto, situacionalizando a realidade ao município de Jundiaí, sendo elas: qual o histórico da concretização desse instrumento no município de Jundiaí? Houveram mudanças entre os Planos Diretos vigentes no município e sua proposta de implantação de ZEIS? Como a mesma tem sido pensada, enquanto conceito, e especializada, enquanto ferramental em busca de atendimento à população que precisa não só de moradia, mas também de equipamentos comunitários?

OBJETIVO

O objetivo principal desse trabalho é promover um estudo analítico sobre as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) no município de Jundiaí, estabelecidas nas legislações urbanísticas do município. Como possíveis objetivos específicos, que visam construir os passos necessários para alcançarmos o propósito da pesquisa, elencamos os seguintes:

- i) Estabelecer uma análise cronológica da presença do instrumento nas regulações (Planos Diretores) do município de Jundiáí, assim como suas possíveis implicações práticas, tanto quantitativas como qualitativas;
- ii) Estabelecer comparativos, a partir de ferramental gráfico (mapeamentos), entre a aplicação do instrumento nas legislações analisadas, para compreender, dentre os cenários temporais analisados, suas possíveis mudanças e divergências entre si;
- iii) Estabelecer uma crítica em relação à origem do instrumento enquanto ferramental urbanístico e seus objetivos versus sua aplicação real no território de Jundiáí;
- iv) Compreender a realidade urbana dos territórios onde são demarcadas as áreas de ZEIS e sua relação com a infraestrutura existente, assim como a qualidade da mesma.

METODOLOGIA

A realização dessa pesquisa compreenderá a utilização do método historiográfico na orientação investigativa que abrangerá leitura e análise de documentos que propiciem a formulação de uma narrativa e que delinieie e explique, em linhas gerais, o encadeamento dos fatos e acontecimentos que levaram à conformação do tecido urbano de Jundiáí e, concomitantemente, a estruturação do objeto de estudo.

Os principais métodos específicos de investigação para coleta de dados e desenvolvimento da pesquisa são as pesquisas bibliográficas e documentais. A pesquisa bibliográfica é uma forma de compreender o estado da arte de determinada temática científica, baseada em pesquisas em materiais já elaborados e organizados oficialmente, como livros e artigos científicos. A pesquisa documental assemelha-se muito à bibliográfica, mas difere-se das bases de dados que serão utilizadas pela pesquisa - é feita a partir de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico e se apresentam em sua forma original.

Mesmo . já havendo, anteriormente à década de 2000, legislações urbanísticas que regulavam o território de Jundiáí, a partir da vigência do Estatuto da Cidade (2001), houve uma mudança em escala federal nas perspectivas de instrumentalizar os municípios e gestões em relação ao planejamento nas esferas municipais. Dessa forma, trabalharemos considerando os planos diretos de Jundiáí pós-Estatuto da Cidade (2001), visto que esse marco regulatório é de extrema importância na perspectiva da discussão de instrumentos urbanísticos, entre eles, as Zonas Especiais de Interesse Social. Os Planos Diretores à serem considerados, portanto, são: Lei 415/2004, Lei 7.857/2012 e Lei 8.683/2016.

BRAGA, Roberto. Indicadores de sustentabilidade para avaliação de zonas especiais de interesse social (ZEIS) para implantação de habitação social na cidade de Piracicaba-SP. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 26, n. 46, p. 464-485.

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL. LEI No 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providencias.

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

GONDIM, L.; GOMES, M. O direito à cidade em disputa: o caso da Zeis do Lagamar (Fortaleza-CE). Cad. Metrop., São Paulo, v. 14, n. 28, pp. 507-527, jul/dez 2012

LAUERMANN, R. T.; WIENKE, L.F. Reconhecer para integrar: as Zonas Especiais de Interesse Social como um instrumento para a efetivação do Direito à Moradia. In: Congresso Latino-americano de Direitos Humanos e Pluralismo Jurídico. Anais.... 2008.

LIMA, Thiago Almeida de. Zonas Especiais De Interesse Social: A Institucionalização Da Segregação Socioespacial Em João Pessoa – PB. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba. 2012.

OLIVEIRA, R.; NEGRELOS, E. A Regulação Urbanística e a Qualidade de Projeto de Habitação Popular: ZEIS/AEIS em São Paulo e Belo Horizonte nos anos 2000. In: XVI ENANPUR – Espaço, Planejamento e Insurgências. Anais...Belo Horizonte, 2015.

PEQUENO, Renato; SAMPARIO FREITAS, Clarissa. Desafios para implementação de Zonas Especiais de Interesse Social em Fortaleza. Cadernos MetrÓpole, vol. 14, núm. 28, julio-diciembre, 2012, pp. 485-505

SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

Alexandra Feitosa Bebiano Montoni é estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta. O resumo apresentado faz parte da Iniciação Científica da estudante, sob orientação da professora Carolina Guida Cardoso do Carmo e foi apresentado originalmente na XI Jornada de Iniciação Científica da Escola da Cidade, em outubro de 2019.

IV SEMANA DE ARQUITETURA E URBANISMO

A IV Semana de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Padre Anchieta ocorreu entre os dias 16 e 18 de outubro de 2019, juntamente com a X Semana de Engenharia e Arquitetura e Urbanismo, como forma de complementar a formação dos alunos e aperfeiçoar o conhecimento de ex-alunos e outros profissionais, da área de Engenharia e de Arquitetura e Urbanismo.

A semana, que acontece anualmente, tem como objetivo contribuir de forma direta para complementação da formação acadêmica, trazer ao conhecimento do público do evento novas tecnologias aplicadas à engenharia e arquitetura e urbanismo, incentivar um intercâmbio entre alunos e ex-alunos dos cursos de Engenharia e Arquitetura e Urbanismo, assim como incentivar um intercâmbio de conhecimentos entre a instituição e o mercado.



SEMANA NAU

X SEMANA DE ENGENHARIA E ARQUITETURA
CENTRO UNIVERSITÁRIO PADRE ANCHIETA

16 A 18 DE OUTUBRO DE 2019

IV SEMANA DE ARQUITETURA E URBANISMO

**QUARTA FEIRA
16 DE OUTUBRO**

19H10_

TRAJETÓRIA E DILEMAS DA PROFISSÃO
CORPO DOCENTE - ARQUITETURA E URBANISMO
PREDIO 02

20H00_

OFICINA DE REPRESENTAÇÃO PARA PLANEJAMENTO
URBANO
ARQ. PRISCILA SATO
PREDIO 02 (10 VAGAS)

19H30_

REVESTIMENTOS TEXTURIZADOS: MANUTENÇÕES E
PATOLOGIAS
ENG. ROMILSON DE ANDRADE
PREDIO 04

**QUINTA FEIRA
17 DE OUTUBRO**

19H30_

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL EM ARQUITETURA
ARQ. DR. FRANCISCO SPADONI
ANFITEATRO

19H30_

SISTEMAS CONSTRUTIVOS EM PAREDES DE
CONCRETO
ME. HÉLIO FRANÇOZ JUNIOR | ESP. THIAGO PRIOSTA
PREDIO 04

15H00_

VISITA TÉCNICA MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL
JUNDIAI/SP

19H10_

CINEMA ARQUITETÔNICO: "O HOMEM AO LADO"
PREDIO 02

**SEXTA FEIRA
18 DE OUTUBRO**

19H10_

OFICINA DE PHOTOSHOP PARA ARQUITETURA
ARQ. PEDRO TESTOLINO
PREDIO 02 - LABORATÓRIO INFORMAT. (15 VAGAS)

19H30_

APRESENTAÇÃO DE PROJETOS DE ARQUITETURA
ARQ. GUILHERME FREITAS
PREDIO 02 - LABORATÓRIO INFORMAT. (15 VAGAS)



AGOSTO

- Proposta para Semana da Responsabilidade Social
- Proposta de Intervenção no Campus



SETEMBRO

- Layout Feira de Profissões
- Projeto Oficina Castor



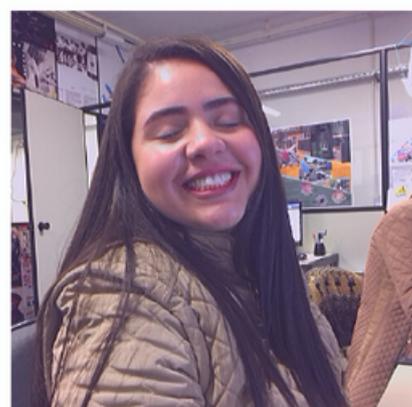
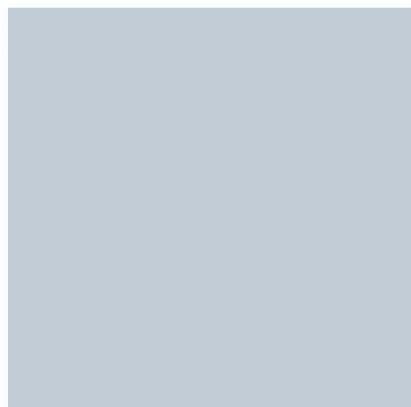
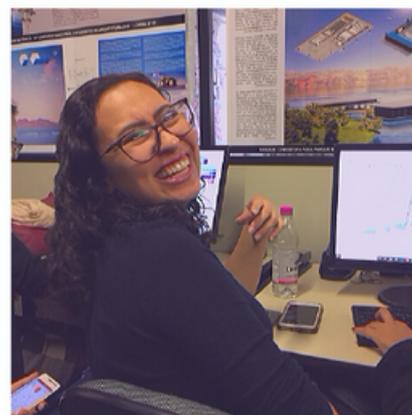
OUTUBRO

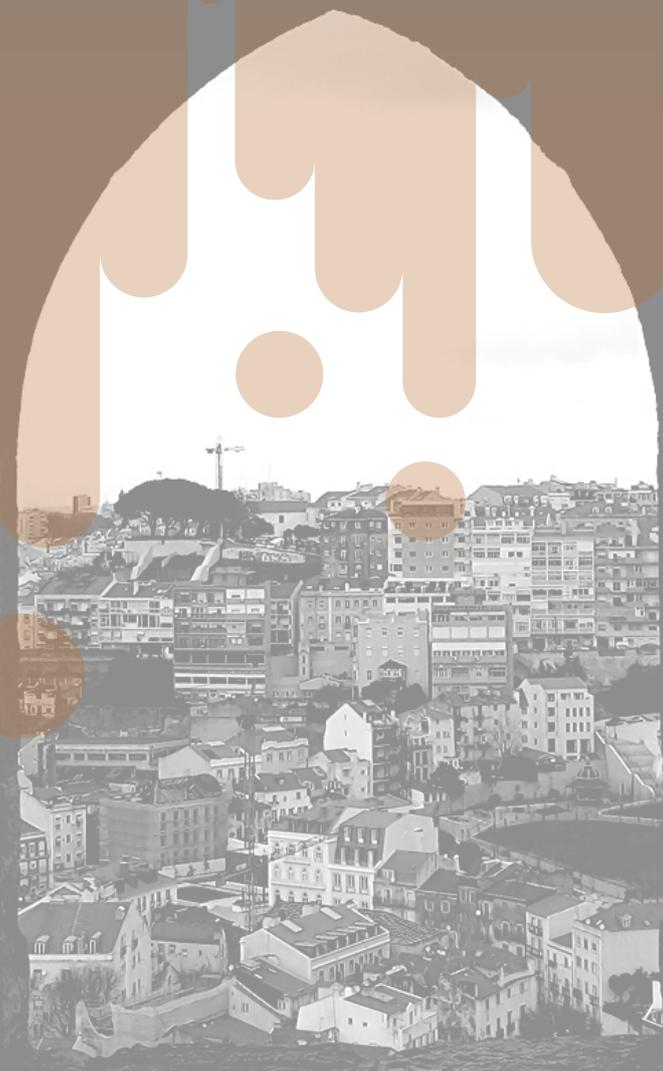
- Semana da Arquitetura e Engenharia
- Viagem Fantástica no Polytheama
- Filme Medianeras
- Oficina de Photoshop



NOVEMBRO

- Concurso Vulcano Museum (Islandia)
- Oficina de encadernação
- Oficina de AutoCad





GRUPO
ANCHIETA


ema